

Gaspar Rodrigues Adorno e João Rodrigues Adono: ser sertanista é um negócio de família

Rafael dos Santos Barros

Doutor em História Social pela Universidade Federal da Bahia (PPGH/UFBA)

Recebido: 24/01/2022
Aprovado: 23/09/2022

RESUMO

A família Rodrigues Adorno tornou-se, durante o século XVII, uma das principais linhagens da Bahia Colonial, atuando a serviço dos monarcas portugueses como um clã especializado no processo de expansão da fronteira. Nesse contexto, o rei premiava aqueles que servissem ao projeto colonial, agraciando os colonos com títulos, cargos e mercês, um dos principais mecanismos de ascensão social em sociedade de Antigo Regime. Cientes desse processo, Gaspar Rodrigues Adorno e João Rodrigues Adorno, pai e filho, aventuram-se pelos sertões da Bahia e tornam-se, durante os séculos XVII e XVIII, respectivamente, figuras proeminentes no Recôncavo da Bahia. Para guiar-se por essas trajetórias foram utilizados os métodos da micro-história, a fim de perceber não as trajetórias individuais em si, mas as relações mantidas por esses homens em seus distintos espaços de atuação, a teia de relações sociais que estes mantiveram com a sociedade que estava inseridos ou, dito de outra forma, o que a vivência deles tem a dizer sobre a Bahia seiscentista e setecentista.

PALAVRAS-CHAVE

Família; Sertanismo; Fronteira.

Introdução

Durante os anos de 1651 e 1720, os sertões da Bahia e seus habitantes sofreram profundas transformações. Naquele contexto se intensificou o processo de conquista e povoamento de regiões como o vale do São Francisco, o sertão de Jacobina e o rio de Contas. Os espaços que antes eram ermos foram tomados por instituições de origem europeia; povos que viviam de acordo com seus costumes milenares tiveram que disputar com outros homens recursos até então comuns, a exemplo de locais com água potável. A colonização chegou e com ela muitos povos foram exterminados.

O projeto de expansão da fronteira empreendido pela Coroa e encabeçado pelos homens do sertão alterou a paisagem física e social dos sertões baianos. Naquele contexto, essas distintas regiões receberam maior atenção da administração colonial, que designou autoridades civis, militares e eclesiásticas para fiscalizar essas localidades. A política de colonização empreendida pela Coroa estabeleceu três frentes de atuação: aumento populacional, desenvolvimento econômico e conquista dos territórios. A partir desse momento de expansão, os territórios do interior ganharam configurações distintas, seja pela resistência imposta por parte de seus habitantes ou pelos recursos que o meio ambiente fornecia para ser explorado.

Nesse artigo foram selecionados dois sertanistas para que suas trajetórias fossem analisadas. Cada sertanista aqui estudado carregava consigo lastro de experiências, forjada nas lutas contra índios, quilombolas e outros colonos, o que tornava suas trajetórias repletas de experiências de lutas, símbolos e normas comportamentais, formando um estilo de vida que não era português nem nativo, mas que dialogava com ambos. Esses homens passaram a maior parte de suas vidas no sertão, local marcado notadamente pelos conflitos de natureza variada. Estes sujeitos viviam num contexto de disputas, lutavam pela posse e propriedade das terras cultiváveis, por lugares de mando e controle da mão de obra escravizada, o que estava em jogo era a hegemonia dessa localidade.

Nesse cenário, o manuseio das armas e o controle de um contingente armado era condição de sobrevivência e de destaque na hierarquia dessa sociedade. Sabedores e dominadores do contexto político do Antigo Regime nos Trópicos, esses sertanistas procuraram formar em torno de si redes relacionais, instituição que agregava indivíduos de diversificadas camadas sociais, fortalecendo-se no caso de disputas pelas esferas superiores de poder.

Para guiar-se por essas trajetórias foram utilizados os métodos da micro-história. A partir do momento que se opta pela alternativa de um olhar micro-histórico, o pesquisador irá se interessar pelas minúcias, entre elas, vale destacar, a experiência oriunda das relações entre os indivíduos. Ao se selecionar Gaspar Rodrigues Adorno e João Rodrigues Adorno, o que se está em evidência não são as trajetórias individuais em si, mas as relações mantidas por esses homens em seus distintos espaços de atuação, a teia de relações sociais que estes mantiveram ou, dito de outra forma, nossa atenção se deslocará desses sertanistas e incidirá em um contexto mais amplo, o que a vivência deles tem a dizer sobre a Bahia seiscentista e setecentista. Diante dessa assertiva, concorda-se com José D' Assunção

Barros quando o autor aponta que

Se elaborar a biografia ou a “história de vida” de um indivíduo (e frequentemente escolherá um indivíduo anônimo) o que o estará interessando não é propriamente biografar este indivíduo, mas sim os aspectos que poderá perceber através do exame micro localizado desta vida¹.

Ao utilizar os métodos da Micro-História se está, grosso modo, optando pelos detalhes da História Social, a máxima da utilização do microscópio ao invés do telescópio. O filtro microscópico elucida aspectos que a Macro-História tradicional não consegue enxergar, pois ao se reduzir a escala de observação os detalhes presentes nas fontes históricas ficam em evidência. O ato de descer ao sertão praticado por esses sertanistas, declarar guerra a determinados grupos indígenas ou usar o seu cabedal para colonizar determinada região ganha mais significados se se observar o que está por trás desses atos, os paradigmas indiciários, como diria Carlo Ginzburg². Por conta dessas minúcias é que se pode afirmar que o olhar micro pode revelar as questões sociais de forma mais problematizada.

Gaspar Rodrigues Adorno e João Rodrigues Adorno já tiveram suas trajetórias citadas por alguns autores, a exemplo de Francisco de Assis Carvalho³, Urbino Viana⁴ e Francisco Borges de Barros⁵. Esses historiadores, buscavam estudar as instituições e a biografia dos grandes homens como um fato em si mesmo, sem ater-se as conexões e aos contextos em volta desses personagens, tornando suas trajetórias meramente descritivas, um conjunto de fatos históricos cronologicamente sucessivos, método totalmente contrário do que será utilizado nesta pesquisa.

Para guiar-se no emaranhado de fontes, o método *onomástico* foi utilizado para se chegar a estes homens, pois entende-se que os nomes têm importância simbólica, uma vez que classificam e dão significação aos indivíduos, demarcam seus rastros pela sociedade em que estavam inseridos, são permeados por relações de poder, mando e hierarquias. Em *O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico*, Carlo Ginzburg sugere que o nome permite o pesquisador encontrar o (s) sujeito (s) escolhido (s) em situações variadas “compondo uma espécie de teia de malha fina, dando ao observador a imagem do tecido social em que o indivíduo está inserido”⁶. Aos olhos desatentos, o fato desses homens serem sertanistas e atuarem em uma área comum, os sertões, os tornavam homogêneos, homens que tinham o mesmo propósito. Porém, a partir do olhar micro pôde-se perceber que se tratavam de sujeitos hierarquicamente distintos, que militaram em instituições distintas e possuíam

1 José D’Assunção Barros, *Sobre a feitura da micro-história*. In: OPSIS, v. 7, n 9, jul-dez 2007.

2 Como ensinou Carlo Ginzburg, ao se escolher a trajetória de um indivíduo, o que se objetiva não é o homem em si, mas os problemas que o cercam. No caso do autor, ele escolheu o moleiro Menocchio, pois a fonte selecionada pelo autor, o processo inquisitorial, o possibilitou analisar elementos da cultura local, seus embates, diálogo e a circularidade, a partir da vida de Menocchio. Carlo Ginzburg, *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução Maria Betânia Amoroso; tradução dos poemas Jose Paulo Paes; revisão técnica Hilário Franco J. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

3 Francisco de Assis Carvalho, *Dicionário de bandeirantes e sertanistas do Brasil. (Séculos XVII-XVIII)*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1953.

4 Urbino Vianna, *Bandeiras e Sertanistas Bahianos*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1935.

5 Francisco Borges de Barros, *Bandeirantes e sertanistas bahianos*. Bahia: Imprensa Oficial, 1920.

6 Carlo Ginzburg, “O nome e o como”. In: *A micro-História e outros ensaios*, Lisboa, Difel, 1991. p.5.

estratégias de atuação, comportamento e circulação diferenciadas. Afinal eram seres humanos que agiam e reagiam de formas diferenciadas diante dos desafios propostos pelo meio ambiente e meio social no qual estavam inseridos.

Gaspar Rodrigues Adorno e João Rodrigues Adorno serão, portanto, os *fios de Ariana para se entender essa Bahia que se erigiu longe do litoral*. A partir desses nomes se apontará o que o sertão legou a esses homens do ponto de vista material e simbólico, bem como as hierarquias, as disputas pelo mando e as estratégias utilizadas por esses indivíduos.

Gaspar Rodrigues Adorno

A origem da família Rodrigues Adorno advém de Paulo Adorno, um italiano de Gênova, e Afonso Rodrigues, um português de Óbidos. Diz Frei Antônio de S. Maria Jaboatão, que Afonso Rodrigues foi um dos primeiros povoadores da Bahia, este colono e seu irmão Rodrigo Martins, receberam o título de cavaleiro fidalgo, com 20\$200 réis de moradia que se lhe

brazoa de ar povoadores destas mas de nobreza, conforme a seus feito, e assim lhes faço merecer do habito da ordem de Avis com 20\$200 reis de tença a cada um e também lhes faço de quatro léguas de terra como pareceu a dois voto do Conselho da Índia, as quais lhes assinara o governador do Brasil⁷.

Aponta o Frei Jaboatão que a presença de Afonso Rodrigues na colônia estava relacionada com a política de expansão empreendida pela Coroa portuguesa em suas conquistas. Afonso Rodrigues casou-se com Madalena Alvares, filha de Diogo Alvares, o Caramuru, teve três filhos com ela: Álvaro Rodrigues, Rodrigo Martins e Gaspar Rodrigues. Nesses anos iniciais da colonização, era limitada a presença de portugueses nas conquistas, por isso era comum o arranjo familiar com indígenas ou seus descendentes. Assim como Afonso Rodrigues, Paulo Adorno também se aliou com povos indígenas aliados dos portugueses e construiu matrimônio com outra filha de Caramuru, Felipa Álvares, tendo dois filhos com ela, Catarina Dias Adorno e Antônio Dias Adorno. Depreende-se que os filhos dessa união receberam forte influência dos indígenas, eram filhos de índias, a maioria das suas tias (os), primas (os) e avôs eram indígenas.

As informações sobre Paulo Dias são mais claras se se comparar a Afonso Rodrigues. Em 1549, diz-nos Jaboatão que o rei D. João III deu boas referências ao Governador-Geral Thomé de Souza sobre Paulo Adorno, informando ao governador que este colono era genro de Diogo Álvares Caramuru e poderia ser útil a colonização dessas áreas da Bahia. Segundo Jaboatão, Paulo Dias Adorno tinha experiência com navegação e

⁷ Frei Antônio de S. Maria Jaboatão, *Catalogo genealógico das Principais Famílias que procederam de Albuquerque em Pernambuco e Caramurus na Bahia*. Reimpressão do Instituto Genealógico da Bahia. Imprensa Oficial do Brasil, 1950.

podia encarregar-se do comando de algum navio, porque e para isso, Rodolfo Garcia a 16 de outubro de 1551 vendeu por 5\$ 500, em mercadoria, um barco de pesca, ao provedor-mor, ganhou tença, com hábito de Cristo, em 1554, Comendador de Santiago. Foi um dos capitães na expedição ao Espírito Santo e se distinguiu na tomada aos franceses do Rio de Janeiro com Estácio de Sá.⁸

Em Frei Vicente do Salvador, Paulo Dias Adorno aparece com um dos colonos que lutou contra diversos grupos indígenas junto a Vasco Fernandes Coutinho nas Capitânicas do Espírito Santo e Porto Seguro. Nessa segunda donataria, Dias guerreou junto ao capitão Diogo Álvares e Gaspar Barbosa contra indígenas

no rio chamado Bricaré que fazia guerra a Vasco Fernandes, e que aí deviam de os ir buscar, oferecendo-se para ir com eles, como de feito foram, o capitão Diogo Álvares, e Gaspar Barbosa em seus caravelões, e navegaram pelo dito rio arriba quatro dias, até que viram as cercas do gentio que estavam juntas da água, onde, pondo as proas em terra por estar a maré cheia, por elas desembarcaram, e saltaram fora os soldados, tornando-se os marinheiros com os navios ao meio do rio por não ficarem em seco na vazante, e os bombardeiros, para de lá fazerem seus tiros, começou-se a travar a briga, na qual logo no primeiro encontro puseram o gentio em desbarate, mas tornando-se a ajuntar, e reformar, voltou com tanta força que forçou aos nossos a desordenarem, e, misturarem com os inimigos, de maneira que os tiros que tiravam das embarcações, não só os não defendiam, mas antes os feriam, e matavam, e retirando-se para se acolher a elas estavam tanto ao pego, que os mais foram a nado, e os feridos em algumas jangadas, entre os quais foram os dois capitães Adorno, e Morim⁹

No *Dicionário dos Bandeirantes e Sertanistas do Brasil* escrito por Francisco de Assis Carvalho Franco, há também informações acerca da família Adorno, as notícias se remetem ao tempo que estes viviam na Europa. Segundo o autor, os Adornos migraram para Portugal, pois em Gênova, sua cidade de origem, esta família disputava a hegemonia política contra a família Fregoso. Consoante Franco:

pertenceu os Adornos todos a uma célebre família patriciana de Gênova, do partido Gibelino e que forneceu diversos doges, tendo lutado durante duzentos anos contra a família Fregoso. O último doge de tal progénia Antoniotto Adorno eleito em 1513 deposto no mesmo ano por Otaviano Fregoso e repostado em 1522 com o auxílio do rei Carlos V e definitivamente expulso em 1528, por André Dória, a frente de uma armada francesa, o qual pôs as lutas dos Adornos e Fregosos, liquidando o crédito das duas famílias, e forçando muitos de seus membros a se expatriarem mudando de apelido¹⁰.

8 Idem, p. 263.

9 Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1887, p. 46

10 Francisco de Assis Carvalho Franco, *Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1989, p. 17.

Foi naquele contexto que os Adorno chegaram ao Brasil, em local incerto, pois não há um consenso entre os autores quanto a seu local de chegada, se aportaram inicialmente na Bahia ou em São Vicente. Os descendentes de Paulo Dias e Afonso Rodrigues formaram a família Rodrigues Adorno, um dos clãs responsáveis pelo processo de colonização da Bahia. Conforme Juliana Neves a formação dessa família se deu quando:

Caramuru, o novo, Álvaro Rodrigues, casou com a filha de Catarina Dias Adorno e Francisco Rodrigues que, segundo Barata e Cunha, chamava-se Margarida Adorno. Então, do casamento entre Caramuru, o novo, e a bisneta de Caramuru, o velho, nasceram Afonso Rodrigues Adorno (1590-1665), João Rodrigues Adorno e Maria Adorno¹¹.

Jaboatão vai mais além na formação dessa família, apontando os troncos familiares formados a partir dessa união. Para o autor

Álvaro Rodrigues Caramuru, mas porque consta dos papéis e escrituras autênticas que ficam referidas no livro que citamos dos serviços destes Adornos, que os filhos destes Rodrigues, que era o do seu pai, mas também tomaram o de Adorno que só lhe podia vir com sua mãe, assentamos aqui, enquanto não aparecer outra clareza mais evidente, que esta podia ser alguma F. Adorno, filha de Catarina Dias Adorno e de seu Marido Francisco Rodrigues, a qual Catarina Dias Adorno era filha de Paulo Dias Adorno, e de sua mulher Filipa Alvares, vinda assim a ser a dita Catarina Dias Adorno prima legítima de Álvaro Rodrigues, e da dita F. Adorno mulher de Álvaro Rodrigues, sua sobrinha em 3 grau misto como o segundo sorte podiam tomar como tomaram os filhos de Álvaro Rodrigues e e todos os seus descendentes o sobrenome de Adornos se não fora assim . e confirma-se o poder ser isto assim, porque de Catarina Dias Adorno e de Antônio Dias Adorno, filhos legítimos de Paulo Dias Adorno, não achamos para esta linha ,descendência alguma de Álvaro Rodrigues Caramuru e sua mulher foram filhos¹².

O primogênito da família Dias Adorno é Afonso Rodrigues Adorno¹³, filho de Álvaro Rodrigues e de Catarina Dias Adorno, que tiveram quatro filhos: João Rodrigues Adorno, Gaspar Rodrigues Adorno, Afonso Rodrigues Adorno e Agostinho Pereira. O personagem que mais interessa para análise aqui proposta é Gaspar Rodrigues Adorno e seu filho João Rodrigues Adorno¹⁴, ambos atuantes no processo de expansão da fronteira da Bahia.

11 Juliana Brainer Barroso Neves, *Colonização e resistência no Paraguaçu- Bahia, 1530-1678*.2008.140f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2008, p. 32.

12 Frei Antônio de S. Maria Jaboatão, *Catalogo genealógico das Principais Famílias que procederam de Albuquerque em Pernambuco e Caramurus na Bahia*. Reimpressão do Instituto Genealógico da Bahia. Imprensa Oficial do Brasil, 1950, p,253.

13 Segundo o Frei Jaboatão, Afonso Rodrigues Adorno, era filho de Álvaro Rodrigues Caramuru, foi para a Índia no ano de 1604, ou 5, votando, foi eleito Capitão dos índios das aldeias das partes da Cachoeira, e seu administrador, por provisão do Governador Diogo Botelho de 9 de dezembro de 1607. Foi moço da Câmara, e faleceu, diz assim o assunto do seu óbito em 7 de abril de 1665, esta sepultura na capela de Nossa Senhora do Rosário do capitão. Idem, p. 263.

14 Note que existem duas pessoas com o mesmo nome. João Rodrigues Adorno tio e sobrinho.

Gaspar Rodrigues Adorno, era mameluco, morador da Vila de Cachoeira, casou-se com Felippa Álvares¹⁵, originando desse casamento três filhos: Maria, Álvaro e João. Parte da história da expansão colonizadora da Bahia foi organizada por este homem e seus familiares, colonos que miravam a experiência portuguesa como modelo político a ser seguido, um reino estratificado, com base nos modelos do Antigo Regime católico, uma sociedade dividida em estados sociais bem estratificados, pautada nos privilégios social e de nascimento, no qual aqueles que viviam a lei da nobreza eram os que se sobressaíam politicamente sobre os demais.

Esse sertanista esteve envolvido em diversas ações armadas pelos sertões da Bahia, atuando em distintas regiões. Em 1654, por exemplo, Gaspar Adorno recebeu um Regimento¹⁶ passado por Jeronymo de Attayde, conde de Attouguia, encarregando-lhe de fazer guerra ao “gentio bárbaro que vem inquietar aos moradores deste Recôncavo”¹⁷. Nessa expedição, estes homens levaram mantimentos para passar trinta dias longe do litoral em busca de tais grupos indígenas. Porém, como se tratavam de índios ainda não identificados, a jornada não tinha uma direção específica, por isso o percurso seria decidido no próprio sertão, escolhendo

os caminhos, causa alguma com certeza de seu acerto, pela falta das notícias evidentes, conhecimento daquelas campanhas, disposição dos mesmos bárbaros, e distância de suas aldeias, o que tudo se obra na mesma jornada, e macha dela, e eleição dos caminhos, que tudo se obra melhor com a experiência, e conhecimento dos mesmos acidentes que o tempo, e as ocasiões mostrarem, e respeitando justamente a grande confiança que faço do zelo, inteireza, e valor do mesmo capitão- mor Gaspar Roiz Adorno¹⁸.

Gaspar Rodrigues Adorno já havia experimentado toda sorte de coisa no sertão, era um homem forjado na luta, na matança de outros homens, não só ele como os demais capitães. O seu regimento era impiedoso, ordenando-lhe queimar e destruir totalmente os índios e índias

matando a todos que de algum modo, lhe resistirem, ou ofenderem, e sobretudo obrara neste particular, o que a ocasião da guerra pedir, para se conseguir bom sucesso, segurar a gente, que leva, e ficarem castigados os bárbaros e destruídas as aldeias de que vieram cometer os excessos de que tão lastimosamente se as mais ocasiões, que lhe parecer mandara lançar os bandos que convierem, pra quietação e conservação da gente, que leva, e neles poderá por todas as penas, e executá-las ainda, e neles poderá por todas as penas, e executá-las ainda, que seja de morte e para ser respeitado, e obedecido fara cumprir inviolavelmente as que lançar, e com maior rigor nos

15 Filipa Álvares, última mulher de Gaspar Rodrigues Adorno, era filha de Maria Fernandes, natural da Freguesia de Iguape, faleceu em vinte e cinco de abril de 1672, sepultou-se na capela de Nossa Senhora do Rosário do mesmo Gaspar Rodrigues, e ficou o dito por testamenteiro.

16 **Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional**, Documentos Históricos da Biblioteca Nacional (DHBN). *Regimento que levou o capitão- mor Gaspar Roiz Adorno na jornada do sertão*, v.4, p.34.

17 Idem.

18 DHBN-Documentos Históricos da Biblioteca Nacional. *Regimento que levou o capitão-mor Gaspar Roiz Adorno na jornada do sertão*, v.5, p.234.

que fugirem do caminho, ou da ocasião (o que não creio de nenhum)¹⁹.

Ele e seus pares eram homens capazes de tudo, inclusive de degolar outros seres humanos, sem nunca os terem visto, a troco de títulos, escravos, mercês e outras benfeitorias chanceladas pelo rei. Porém, não nos cabe aqui classifica-los como heróis ou vilões, afinal o homem é filho do seu tempo. Se se chamou a atenção para essa barbárie cometida por Gaspar Rodrigues Adorno e seus pares foi para se ressaltar o genocídio praticado pela Coroa contra os povos indígenas. Menos nocivo seria, caro leitor, se essa violência sofrida pelos povos indígenas estivesse explícita apenas nessas páginas e fosse coisa do passado. Ela é atual, está acontecendo agora, exatamente nesse momento que você está lendo esse parágrafo, basta olhar para as aldeias indígenas que são invadidas da região Norte a região Sul do Brasil. Realidade muito triste! Voltemos ao século XVII.

Sabedor dessas hierarquias sociais do Antigo Regime, Gaspar Rodrigues Adorno procurou servir ao rei, com o fito de prosperar na sociedade que ele estava inserido, atuando de forma decisiva no processo de conquista do sertão baiano. Em 31 de Janeiro de 1658, o então Capitão-mor Gaspar Rodrigues Adorno, já aparece em outra expedição, agora atuando junto do Capitão Bartholomeu Aires e do Cabo Francisco Barreto, empreendendo novamente guerra ao “gentio do sertão”. No Regimento que o Capitão Bartholomeu Aires levou para os guiar nessa expedição se tem diversas informações acerca do destino dessa jornada e da trajetória de nosso personagem. Nesse contexto histórico, se tem o auge do processo de contra-ataques indígenas ao litoral da Bahia, pois os índios tentavam retomar seus território sagrado ocupado pelas ondas colonizadoras. Por outro lado, a Coroa responde a resistência indígena militarizando e atacando os diversos povos que transitavam sobre essa área. Naquele ano, conforme Bernardo Vieira Ravasco, existiam pelo menos quatro companhias de infantaria espalhadas pelo Recôncavo da Bahia, as quais deveriam ser deslocadas para o

sertão do Paraguassu, e fazer naquela campanha as hostilidades possíveis, para totalmente desembaratar o gentio bárbaro , que desce a inquietar o Recôncavo . esperando eu do capitão Bartholomeu Aires, que em tudo o que lhe encarregar do serviço de sua magestade haverá muito (conforme a) confiança , que faço de seu procedimento . Hei por bem de o nomear cabo das quatro companhias de infantaria , que mando a este efeito²⁰.

A marcha dessa jornada que Gaspar Rodrigues participou saiu da Vila de Cachoeira, onde se juntou a quatro companhias e outros setenta indígenas deslocados da região do Itapecuru-merim, sob tutela de um homem denominado Francisco Mulatto e outras lideranças indígenas. Essa jornada levaria no mínimo três meses percorrendo o interior dessa região, levando consigo

uma quarta de farinha para gastar na marcha até a casa forte , que está no rio de Paraguaçu, logo que chegar a cachoeira fara comprar do dinheiro da

19 Idem.

20 Documentos Históricos da Biblioteca Nacional. *Regimento que levou o capitão Bartholomeu Aires, que foi por cabo de quatro companhias fazer guerra ao gentio do sertao*. Francisco Barreto, do capitão-Geral do Estado do Brasil, etc, v.4, p.64.

ração e vacas , para se dar a infantaria o sustento necessário até a dita casa forte , e a cada tapua fara dar uma quarta de farinha , e matar também uma vaca (de que passara recibo , para seu dono haver a situação da câmara) para os contentar, e do mesmo modo tomara algumas vacas Currais para socorrer nos rios²¹.

Esses homens deveriam permanecer na vila de Cachoeira apenas um dia, a tropa deveria se assentar na Casa Forte, lá receberia todo suporte alimentar, inclusive de carne fresca, pois foi-lhes fornecido uma quantidade, não identificada pela fonte, de dinheiro para se comprar

nos currais que mais acomodados ficarem a quantidade de gado que importar, e tomar de qualquer deles um vaqueiro, que com a fábrica que for necessária lhe conduza a casa forte e para se pegar ao mesmo vaqueiro e negros, que o acompanharem, ficará logo reservada do emprego, que fizer, a satisfação que com ele concertar o capitão Bartolomeu Aires²².

O capitão-mor Gaspar Rodrigues Adorno foi classificado no capítulo oito desse Regimento como “pessoa tão importante para o intento desta fracção, por todos os respeitos, que nele concorrem”²³. Ele deveria guiar as ações de Capitão Bartolomeu Aires, pois segundo esse documento era a pessoa “mais práticas para o acompanhar-lhe encarreguei muito particularmente fosse fazer este serviço a sua majestade pela muita pendência que dele tinha seu bom sucesso”. O dito Bartolomeu Aires, o levaria em sua companhia, fazendo de sua pessoa toda a

estimação, que se lhe deve, não só por esse motivo, mas por haver sido capitão de infantaria, e duas vezes capitão-mor das entradas do mesmo sertão, e por esta razão ordeno ao dito Bartholomeu Aires não intente, resolva, nem obre causa alguma sem o voto, e parecer do dito capitão-mor Gaspar Roiz Adorno, com quem se conformara para tudo o que convier dispor-se e executar-se em ordem a se cumprir este regimento²⁴.

No ano da saída da expedição, 1658, Gaspar Roiz Adorno era um homem que já havia enfrentado adversidades variadas na luta contra tudo que o sertão poderia proporcionar. Foi considerado pelo Regimento o homem mais experiente nessa lida, acumulando os postos de capitão de infantaria e capitão-mor das entradas por duas vezes. Essa vivência com a floresta e seus mistérios certamente vinha dos seus antepassados indígenas, prova dessa herança imaterial que ele carregava estão nos relatos dos métodos utilizados por este capitão para se comunicar com os índios. Assim diz o Regimento:

o Capitão mandara cortar algumas árvores, ou fazer fogo, ou por outros signas, por donde assim os payayases, como os ajudante entendam, que a nossa gente

21 Idem.

22 Idem.

23 Idem.

24 Documentos Históricos da Biblioteca Nacional. *Regimento que levou o capitão Bartholomeu Aires, que foi por cabo de quatro companhias fazer guerra ao gentio do sertão*. Francisco Barreto, do capitão-Geral do Estado do Brasil, etc, v.4, p.64.

tem passado adiante e a passam ir segundo pelos signas e trilhos que foram deixando e se ao Capitão- mor Gaspar Roiz parecer que há outro caminho além deste, não sendo tão longe dele, que se percam muitos dias de jornada mandara fazer a ele os mesmos sinais, e nos lugares donde o teu caminho, ou caminhos da Jacobina desembarcarem na Serra do Orobó, mandara o dito capitão Bartholomeu Aires fixar uma estaca no meio do caminho donde deixe uma carta para o dito ajudante em que lhe diga a jornada que leva em seu seguimento, e mande logo alguns mais ligeiros em seu alcance para fazer alto, e esperam por eles, como fará pelo muito que importa não se desencontrarem²⁵.

Além dessa vivência, Gaspar Rodrigues Adorno também conhecia as rivalidades entre os grupos, procurando, quando se fazia ocasião, confrontar etnias rivais. Prova disso são as suas orientações nesse regimento. Ele determinou que fosse buscar os payayases de Jacobina, mesmo que isso aumentasse os gastos da viagem, pois estes eram inimigos dos indígenas alvo dessa jornada e lutariam, por esse motivo, com mais afinco, fato que mostra o conhecimento de Gaspar Adorno.

Quando este capitão não descia aos sertões, procurava contribuir de outra forma com o projeto do rei de expansão da fronteira, investindo, inclusive, cabedais de sua própria fazenda, mandando índios de sua administração acompanhar algum capitão de entrada. Esse último fato aconteceu no ano de 1672, quando ele envia índios aos Campos do Aporá a fim de atender

ao serviço de sua alteza que todos os índios da aldeia da administração do Capitão Gaspar Roiz Adorno capazes de tomar armas vão na segunda entrada a que ora mando os paulistas. Ordeno ao mesmo capitão-mor que no ponto que receber esta ordem faça marchar todos as incorporar-lhes da minha parte que para com mais vontade irem fazer este serviço lhes envio os resgates que a eles se lhes hão de dar, e havendo alguns índios que repugne (o que não creio) ir a dita jornada, o mesmo capitão-mor o remeta logo preso a bom recado a cadeia desta cidade para lhe mandar dar o castigo que merece²⁶.

Essa predisposição para atender aos pedidos do rei estava diretamente relacionada a processo de diferenciação social arquitetado pela Coroa. A sociedade colonial portuguesa do século XVII era nitidamente hierarquizada, repartida em três estamentos, fato que reforçava a hierarquia social do Antigo Regime e incentivava os vassallos a buscarem novas hierarquia possíveis a suas atuações sociais. Era, pois uma sociedade construída em torno das noções de privilégio, honra e desigualdade, lócus ideal para a política da economia da mercê prosperar e perpetua-se enquanto organismo político. Nessa sociedade o rei redistribuía poderes a seus vassallos. Além de possuir o cargo, esse indivíduo para se tornar um sujeito diferenciado dos demais teria que ser socialmente reconhecido como homem-bom e, sobretudo, servir ao rei. Em uma sociedade de Antigo Regime, os homens mais notáveis teriam que viver a partir das leis da nobreza, reproduzindo a seus pares a destreza, o luxo, os preceitos morais e as virtudes de cavaleiro e cristão. Esse ethos aristocrático, demandava além da vestimenta, a ostentação de um cavalo e de *escravos*, elementos de abundância, que apenas os nobres

25 Idem.

26 Documentos Históricos da Biblioteca Nacional. *Portaria que se passou ao Capitão-mor Gaspar Roiz Adorno*

possuíam.

Na América portuguesa²⁷ o conceito de nobreza ganhou novas configurações políticas, sofreu mutações diversas. Existiu nos trópicos distintos estados de nobreza. Aqui as hierarquias sociais não se cristalizaram, novas categorias de nobres poderiam surgir a todo momento, sendo assim a imaginária pirâmide social, poderia sofrer alterações na medida em que a nobreza era uma condição fluída, na qual um aliado do rei poderia passar a condição de régulo facilmente. Para João Fragoso esse modelo político implantado por Portugal nos domínios tinha o propósito de perpetuar as “estruturas socioeconômicas hierarquizadas e excludentes nos trópicos, servindo ao claro propósito de preservar a antiga ordem metropolitana”²⁸. Naquele contexto político, o projeto colonial do monarca não tinha o objetivo de edificar novas categorias sociais, mas de reforçar o status dos homens que estivessem sob sua tutela, ou, dito de outra forma, obedientes as ordens do rei.

Aqueles homens que estavam na categoria social de nobres da terra, além de encontrar-se na condição de ocupadores dos melhores cargos, “contavam com foro especial na justiça, pois somente poderiam ser processados pelo bispo ou pelo juiz dos cavaleiros”²⁹. Pode-se afirmar, conforme Nuno Monteiro, que a condição de nobre no ultramar transformou-se de uma qualidade em uma função propriamente dita³⁰. Ao serem revestidos com o manto da nobreza esses colonos escalaram na hierarquia social do Antigo Regime, o que lhes rendeu aumentar suas prerrogativas de mando na localidade que estavam inseridos, fato que não se limitou a colônia portuguesa da América, em outras partes dos domínios lusitanos, os colonos migraram para as conquistas sedentárias por mercês a fim de aumentar seu cabedal material, simbólico e político, consequência da economia das mercês estabelecidas pelos monarcas portugueses. Com a política de mercês, uma das atribuições do rei era criar nobres, mesmo que através de títulos sociais. Sobre este fato, Raminelli fala de distintas categorias de nobreza, as quais estava dividida em: nobreza de sangue e nobreza política. A segunda categoria foi

provida e reconhecida como nobres e fidalgos pela monarquia. Sua legitimidade dependia então do jogo político entre os monarcas e seus vassallos. A terceira categoria de nobres não estava respaldada pelos privilégios cedidos pela monarquia. Aliás, juridicamente o grupo não era nobre. A nobreza da terra era composta por vassallos com postos nas câmaras municipais, com assento nas Misericórdias e Ordens Terceiras, e detinham terras, engenhos,

27 Em *O ethos nobiliárquico no final do Antigo Regime: poder simbólico, império e imaginário social* Nuno Gonçalo Monteiro dar conta do processo mutação que a condição de nobre adquiriu em Portugal. No século XV, segundo o autor esse estatuto era legitimado por aqueles que prestavam serviços militares, porém, com o passar dos anos, a condição de nobre relaciona-se mais a uma qualidade. Apesar desse fato, o peso dos serviços militares ainda se fazia presente, basta lembrar a valorização que os vassallos davam as insígnias das ordens militares e valorização por parte da coroa aqueles que se dedicavam a defender de sua respectiva república. Nuno G. Monteiro, “*O ‘Ethos’ Nobiliárquico no final do Antigo Regime: poder simbólico, império e imaginário social*”. Almanack Braziliense, n. 2, Novembro 2005.

28 João Fragoso; Manolo Florentino, *O arcaísmo como projeto – Mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil no Rio de Janeiro, c 1790 – c. 1840*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1998. p. 102.

29 Idem.

30 Nuno G. Monteiro, “*O ‘Ethos’ Nobiliárquico no final do Antigo Regime: poder simbólico, império e imaginário social*”. Almanack Braziliense, n. 2, Novembro 2005, p. 10

escravaria, tropas e patentes militares. Esses súditos podiam contar, ou não, com títulos providos pela monarquia, pois seu poder de comando não raro era independente de títulos e privilégios cedidos pelo soberano³¹.

Gaspar Rodrigues Adorno era capitão, como se viu, a origem de sua família não estava ligada a nobreza lusitana, mas de Gênova, que se fizeram nobres a partir dos serviços prestados aos monarcas ao longo dos séculos. Os Adornos eram súditos que mantinham uma ligação muito próxima com governadores e demais autoridades coloniais, sendo que seus feitos certamente ficaram registrados no imaginário coletivo da colônia. Pode-se se falar então que a longevidade em cargos de mando exercido por Gaspar Adorno e seus descendentes acabou por constituir um *ethos* específico em torno desse clã. Além dos serviços prestados ao rei, os Adornos e outras famílias que se fizeram notáveis na Bahia procuravam forjar matrimônios entre si, buscando com isso perpetuar a qualidade de nobreza a seus descendentes. Sobre este fato destaca Carlos Leonardo Kelmer Mathias que

Ao casarem-se entre si, tais indivíduos garantiam, não somente a permanência de suas fortunas no seio da própria família, mas também reafirmavam a hierarquia e a desigualdade estamental da sociedade colonial, pois esses casamentos demonstravam a diferença existente entre a minoria pertencente às melhores famílias da terra – os “Homens Bons” – e a grande maioria que não preenchia os requisitos necessários para fazer parte desse seleto grupo. Não obstante, havia casamentos entre nobreza e oficiais da Coroa ou mesmo com comerciantes, o que leva a crer que não somente a escolha do cônjuge dependia da conjuntura, como também tal escolha era guiada por uma estratégia de poder dada pela sociedade estamental³².

No caso dos Adorno pode-se afirmar que essa família formou linhagens de nobres, que lutaram contra indígenas e quilombolas e, por conta disso, conseguiu transmitir hereditariamente sua condição de nobreza a seus descendentes. Diante desse fato, concorda-se com João Fragoso quando ele afirma que “as famílias consideradas geraram e compartilharam, em suas sucessivas gerações, um *ethos* e ainda um conjunto de práticas de reprodução social”. A nobreza política que se formou no Brasil colonial embora não conseguissem em todas as ocasiões passarem os títulos a seus descendentes, renderam a seus filhos um sobrenome que poderiam lhes significar, pelo menos, a esperança de um pedido de mercê. Daí pode-se pensar na formação de uma oligarquia com tendências hereditárias na colônia. Fortalece essa assertiva os postulados de João Luís Fragoso e Maria Fernanda Bicalho, para os quais as elites que se formaram durante o período colonial guardavam o papel exercido por seus antepassados como uma das formas de se erigir na hierarquia social do Antigo Regime³³.

Gaspar Rodrigues Adorno teve sua vida ligada aos sertões. Ele se deslocou, durante a segunda metade do século XVII, quase todos os anos para o interior da Bahia, teve parceiros de etnias variadas

31 Ronald Raminelli, *Nobreza e principais da terra - América Portuguesa, séculos XVII e XVIII. Topoi (Rio J.)* [online]. 2018, vol.19, n.38, pp.217-240.

32 Carlos Leonardo Kelmer Mathias, *Jogos de interesses e estratégias de ação no contexto da revolta mineira de Vila Rica, c. 1709 – c. 1736*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005, p.74.

33 João Fragoso; Maria Fernanda Bicalho; Maria de Fátima Gouvêa (orgs.), *O Antigo Regime nos Trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

nessas expedições. Em 1654, desceu ao sertão em uma jornada contra indígenas na companhia de Antônio Veloso da Silva³⁴. Ainda nesse ano, este capitão, sob as ordens do Conde de Atouguia, desce novamente ao interior da Bahia, junto com o Capitão Manuel Roiz Soares, o Capitão Alexandre Dias e o Capitão Bartolomeu Gato para guerrear contra o que a fonte denominou de gentio bárbaro.

Já em 1655, foi acompanhado por Luís da Silva a região do Itapicuru. Posteriormente a essa expedição, ainda nesse ano, Adorno seguia com o capitão Manuel da Costa até a Serra do Gayrarú, com o fito de descer índios dessa região para se estabelecer no litoral, o objetivo era edificar uma aldeia em Jaguaripe para combater indígenas resistentes quando se fizesse ocasião. Em 1657, levou indígenas aliados até a região do Orobó e junto com o Sargento Pedro Gomes lutaram contra os índios que “costumava fazer hostilidades na freguesia do Paraguassú”³⁵. Em 1664, Gaspar Adorno, após receber carta de Vasco Mascarenhas, Conde de Óbidos, regressou ao sertão em uma nova entrada. Nessa jornada, esse capitão tinha a obrigação de combater novamente indígenas resistentes ao projeto colonizador, onde se lê:

ordem que se passou ao capitão-mor Gaspar Roiz Adorno do que há de obra na jornada a que vae ao sertão portanto (depois de se haverem experimentado todos os meios de defender as freguesias de Maragogipe, e Jaguaripe do gentio bárbaros que a elas costuma descer, fazendo os roubos , morte, e violências que tantos tempos padecem seus moradores, sendo vários os remédios, e prevenções que se foram aplicando) a que hoje me parece mais, assim para se segurarem aqueles distritos, como para se evitar o detrimento que padece a infantaria nas marchas, e assistências que inutilmente faz, nas partes donde se punham de guarda, sendo tão várias as em que o gentio pode dar³⁶.

Além da guerra, este capitão teria a obrigação de descer indígenas das aldeias situadas em Jacobina “e as mais que por aquela serra, e fraldas dela, e outras partes estiverem, para as cachoeiras do Iguape, Cachoeira, Maragogipe, Jaguaripe, aposentando-a nas partes mais acomodadas a sua conservação, e defesa de seus moradores”³⁷, reduzindo-os a fé católica. Em 1671, Adorno aparece atuando junto a João Peixoto Viegas, os quais auxiliariam os capitães paulistas que se deslocaram de São Vicente a Bahia para lutar na Guerra dos Bárbaros.

A trajetória desse capitão se confunde com a colonização da Bahia. Gaspar Rodrigues Adorno foi um legítimo representante da Coroa, abrindo estradas, matando, guerreando e escravizando indígenas, por isso pode-se afirmar que a história da colonização da Bahia se confunde com a família Adorno.

34 Documentos Históricos da Biblioteca Nacional. *Regimento que levou o Capitão Gaspar Rodrigues Adorno na jornada do Sertão*, v.4, p. 34.

35 Documentos Históricos da Biblioteca Nacional. *Regimento que levou o Sargento-mor Pedro Gomes para abrir a estrada desde a Cachoeira até Orobó*, p. 46, v. 4.

36 Idem.

37 Documentos Históricos da Biblioteca Nacional. *Regimento que levou o Sargento-mor Pedro Gomes para abrir a estrada desde a Cachoeira até Orobó*, p. 46, v. 4.

João Rodrigues Adorno

Assim como Gaspar Adorno, seu filho, João Rodrigues Adorno³⁸ também atuou em várias frentes servindo a colonização. Em abril de 1705, ocupava o cargo de Capitão e estava em diligência juntamente com Antônio Veloso da Silva e a Manuel de Araujo de Aragão, ambos também incumbidos de impedir a descidas dos comboios aos sertões da Bahia. Essa fonte, aponta o intenso fluxo de colonos pelos sertões, sobretudo entre esses homens que se fizeram sertanistas. João Rodrigues Adorno teria que percorrer inúmeros caminhos a procura dos negros descidos, sem autorização, pelo “creoulo de Manuel Fernandes Ventura”. Nessa época eram frequente a descida dos comboios clandestinos e somente homens experimentados como João Adorno poderia “evitar este dano”. Caso conseguissem encontrar esse ou outros combios receberia

a metade da importância dos ditos combois; como por serem oficiais de milícia, a quem tenho encomendado, semelhantes execuções, e de se não fazerem, se segue o grande prejuizo, que já se experimenta, nas lavouras desta Capitania, e assim encarrego a Vossa Mercê muito, tome por sua conta este negócio, pois é certo que além do prêmio que acima digo, lhe fará Sua Majestade, todas as mercês que de sua real grandeza deve esperar³⁹.

O capitão João Adorno era útil a Coroa por dois motivos: primeiro pelo conhecimento que tinha dos sertões, óbvio, pois se assim não o tivesse não procuraria por comboios em uma área tão dilata e imprecisa, descrita na fonte apenas pela alcunha de sertão. Segundo, este colono possuía índios sob sua administração, o que lhe dava um cabedal bélico considerável, uma vez que tinha um contingente armado sob seu comando. Esse respando bélico de João Adorno se fez presente em uma carta de abril de 1705, quando lhe foi solicitado pelo governador-geral Rodrigo da Costa que este colono fornecesse índios de sua administração para acompanhar o Capitão-mor Antônio Veloso da Silva nas jornadas ao sertão. Conforme Rodrigo da Costa

O Capitão-mor Antônio Veloso da Silva, morador no Curralinho, a quem tenho recomendo a execução de algumas ordens de Sua Majestade, que Deus guarde, me diz que para as executar pontualmente o não póde fazer, sem assistência dos Índios de Vossa Mercê; que para este efeito lhe são precisamente necessários: espero que Vossa Mercê, lhos mande dar todas as vezes que o dito Capitão-mor lhos pedir assim por fazer este serviço a Sua Majestade como por me dar gosto, que saberei sempre estimar, e para o que valer me achará Vossa Mercê sempre com mui pronta vontade. Deus guarde a

38 O capitão João Rodrigues Adorno era filho de Gaspar Rodrigues Adorno e de sua mulher Filipa Alvares, nasceu,

39 Documentos Históricos da Biblioteca Nacional. *Carta para o Capitão-mor Antônio Veloso da Silva sobre se lhe encarregar a diligência dos combois que vão para as minas e ter escrito ao Capitão João Rodrigues Adorno e a Manuel de Araujo de Aragão para lhe darem Índios, para esta diligência; porem que se deve valer primeiro dos moradores daqueles distritos*, v.41,p.41.

Vossa Mercè. Baia e Abril primeiro de 1705⁴⁰.

João Adorno tinha sangue indígena, além disso, possuía um conhecimento apurado do universo indígena, suas demandas e reivindicações. Se ele não pode ser considerado um índio, pois era filho de descendentes de indígenas, também não se deve o considerar como um colono europeu, pois nasceu e cresceu entre os seus parentes indígenas, se nutrindo de todas as angústia e do seu universo cultural, fato que certamente influenciou no trato dos índios a ele aliados e sobretudo nos inimigos de seus ancestrais. O manuseio das armas foi o principal serviço prestado por esse sertanista a Coroa, o que o tornava de fundamental importância, pois vivia em uma zona de expansão da fronteira, com diversos grupos indígenas ainda resistentes ao projeto colonizador.

O ano de 1719, foi um período de intensificação das descidas ao sertão, já estava insuportável para a Coroa e as autoridades coloniais evitarem a exploração das Minas baianas, fato que intensificou a descida de expedições fiscalizadoras ao sertão. Por conta disso, os combates contra os indígenas ainda não atingidos pelo projeto colonizador foi gradativamente aumentando. É nesse contexto que se insere João Rodrigues Adorno, descendente de Caramuru, juntamente com o Coronel Manuel de Araújo de Aragão e o Capitão Antônio Veloso da Silva, João Adorno foi um dos responsáveis por promover o processo de abertura de caminhos do litoral às minas, livrando as estradas dos ataques dos índios e quilombolas resistentes, bem como dos comboios irregulares. Várias gerações desse clã se tornaram notáveis a partir dos serviços prestados ao monarca.

Em 19 de maio de 1719, uma carta destinada ao Coronel Manuel de Araújo de Aragão e ao Capitão João Rodrigues Adorno ressalta os serviços prestados por João Rodrigues Adorno a Coroa.

Para a entrada que mando fazer ao gentio bárbaro que se acha como aldeado nos matos do termo da vila do Cairu da qual há de ir por cabo o Capitão Antônio Veloso da Silva, morador no Boqueirão distrito de Maragogipe pela eleição que dele fizeram os oficiais da câmara da dita vila são necessários todos os índios de guerra, que a Vossa Mercê for possível dar da aldeia que administra nessa parte os quais há de mandar entregar armados, em os fins de agosto deste ano à ordem do dito Capitão Antônio Veloso para daquele lugar fazer marcha com eles, e com os que também há de dar para o mesmo efeito o Capitão João Rodrigues Adorno e mais gente que há de ir da vila de Jaguaripe para a do Cairu, donde os ditos oficiais da Câmara hão de assistir a todos com os mantimentos necessários como me tem escrito.⁴¹

A fonte ressalta que os índios deveriam acompanhar armados o paulista Antônio Veloso. Por estarem portando flecharia e em bando, era necessário que João Adorno os aconselhasse para que não

40 Documentos Históricos da Biblioteca Nacional. *Carta que se escreveu ao Coronel Manuel de Araújo de Aragão e ao Capitão João Rodrigues Adorno, para darem os índios que lhes pedir o Capitão-mor Antônio Veloso da Silva*, p. 42, v.41.

41 Documentos Históricos da Biblioteca Nacional. *Carta que se escreveu ao Coronel Manuel de Araújo de Aragão e ao Capitão João Rodrigues Adorno do mesmo teor sobre os índios que hão de estar armados para a entrada que Sua Excelência manda fazer aos bárbaros do distrito do Cairu*, p.105, v.74.

faltem ao dito cabo porque sou informado são os ditos índios *inconstantes*, e por isso, facilísimos em fugir para as suas aldeias o que sucedendo fazer alguns os mandará Vossa Mercê logo presos a esta cidade à minha ordem para eu mandar ter com eles aquela demonstração de castigo que me parecer conveniente a exemplo tão judicial⁴².

O termo inconstante, intencionalmente se grifou, pois pode indicar alguns paradigmas por traz da relação de João Rodrigues Adorno e os índios que ele administrava. Diferente de outros capitães, homens brancos, com perspectivas totalmente diferente dos índios, Rodrigues Adorno poderia ter relações para além das alianças políticas com esses índios, pois se tratava de um descendente de indígenas, que poderia estar exercendo entre esses povos uma liderança diferenciada. Isso pode ser confirmado quando a fonte o orientava a aconselha-los a não desertarem e a seguir Antônio Veloso da Silva ao sertão, indicando que Adorno exercia muita influência sobre esses povos, a ponto de enviá-los ao sertão mesmo sem estar necessariamente presente nessa jornada. A resposta dos índios a essa orientação foi acompanhar o sobredito Veloso, apontando-nos que poderia se confiava no que Adorno dizia. Ao que parece, os aliados, ou talvez parente dos Adorno, o via com uma pessoa distinta, aquele que transitava entre dois mundos: o conhecido pelos índios e o que chegou e destruiu a sociabilidade na América.

Outro ponto interessante para se perspectivar reside justamente no fato da colonização ter destruído parte da flora e fauna conhecida e dominada pelos índios, fato que limitou a existência de determinados grupos, forçando-os se aproximar dos não-índios. Entre se aliar a um colono europeu ou brasílico branco, ou ser reduzido a condição de escravizado, se aliançar a um homem que tinha ancestralidade indígena parece menos nocivo aos índios, repare que isso não torna a aproximação com Joao Adorno, uma dádiva, mas um mal menor e irremediável.

Esses Adornos, como foi apontado acima, eram culturalmente mestiços, caracterizando-se, conforme Gruzinski⁴³ por ser um sujeito marcado pelas indefinições, pois viviam entre dois mundos, o europeu e o indígena. Esses homens surgidos a partir do processo de conquista das Américas, como quer o autor, serão culturalmente modificados, com visões de mundo que não eram nem europeia, nem indígenas, mas uma fusão de ambas. Concorda-se com essa perspectiva do autor, trazendo para a realidade que interessa a esse artigo, os sertões só foram desbravados a partir do momento em que o conhecimento indígena se uniu a ganância do colonizador. Essa mistura, deve-se ressaltar, foi permeada por violência e hierarquias, as duas partes foram modificadas.

Esse processo de misturas biológicas e culturais também foi estudado por Darcy Ribeiro, sobretudo em seu livro *As Américas e a Civilização* (1970). Nessa obra o antropólogo caracterizou esses sujeitos surgidos no pós-conquista como *Povos-Novos*, os quais foram vistos pelo autor como “um subproduto de projetos coloniais europeus”⁴⁴. Para Ribeiro, a partir da colonização, negros,

42 Idem.

43 Serge Gruzinski, *O pensamento mestiço*. Tradução Rosa Freyre Aguiar. São Paulo, Companhia das Letras, 2001, p.78.

44 Darcy Ribeiro, *As Américas e a Civilização: Formação histórica e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos*. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 92.

brancos e índios, formaram um povo distinto, naturalmente mestiço, tanto nos parâmetros raciais quanto culturais. Esse povo era novo, pois a violência do processo de colonização os fazia se afastar de suas matrizes ancestrais, transformando-os em sujeitos que lutava para se associar ao universo europeu, porém necessitava se nutrir de elementos ligados ao mundo negro e, sobretudo indígena, para se pensar no caso dos Adorno.

Deve-se ressaltar que esse processo de mistura pelo qual se originou a família Rodrigues Adornos não foi uma ação unilateral e previsível, na qual os europeus ditaram as regras do jogo, foi um processo muito complexo, que não cabe em um simples modelo esquemático, onde os brancos forjaram alianças e se beneficiaram dela em detrimento dos indígenas. Foram os portugueses Diogo Alvares, Afonso Rodrigues e o italiano Paulo Adorno que tiveram que se render ao mundo indígena, “tonando-se índios” e fazendo, coisas do seu cotidiano muitas vezes avesso ao universo cultural, simbólico e social europeu. Com essa assertiva não se quer propor uma redefinição do processo, a base cultural foi a europeia, isso não se questiona, mas nesse caso, as regras do jogo foram indígenas, considerando a superioridade numérica dos indígenas sob o branco nesses anos iniciais.

O fato é que os homens nascidos dessas uniões tiveram que forjar situações distintas para subsistirem nessa sociedade colonial, servindo a Coroa de forma variada. Pensar a ocupações dessa região só é possível se se perspectivar as relações de interesses recíprocos envolvendo colonos como Gaspar e João Rodrigues Adorno e a monarquia ou, dito de outra forma, tem que se levar em conta a política da *economia de mercê*. De acordo com Hespanha, o normativo do Antigo Regime é enredado pela *economia de mercê*, na qual cada indivíduo é premiado de acordo com as ações praticada em determinada sociedade. Visto assim, os dons não são percebidos como uma simples graça do soberano aos seus súditos, mas uma engrenagem da estrutura política dessa sociedade. Nesse contexto político, o monarca era quem controlava a distribuição de mercês⁴⁵, reforçando seu posicionamento enquanto distribuidor das hierarquias sociais. Foi graças a economia de mercê se impulsionou o processo colonizador sob o sertão, pois a colonização oferecia uma gama variada de serviços, sobretudo o confronto contra grupos indígenas arredios a colonização, principal forma de atuação dos Adornos⁴⁶.

Considerações finais

No contexto em análise, as relações entre o centro e a periferia e, sobretudo, entre o centro e os sertões, eram marcadas mais pela fragmentação do que pela centralidade. Este fato exigiu do monarca grande habilidade política para enlaçar essas áreas. Para que isso fosse possível o rei procurou premiar aqueles indivíduos que se destacavam dos demais, concedendo-lhes mercês, as quais distinguiam simbolicamente os homens que serviam a Coroa dos demais segmentos da sociedade. Formava-se,

45 A Coroa criou um cenário favorável a política de mercês, criando nos colonos uma dependência dos títulos honoríficos, pois somente assim poderiam galgar espaços de destaque no Antigo Regime. Por outro lado, a coroa também dependia dos serviços praticado pelos colonos, criando uma cadeia de dependência entre coroa e colonos.

46 Na medida em que a ocupação das áreas se tornavam mais efetivas, a aquiescência de mercês tornava-se cada vez mais difícil, pois não era qualquer serviço que seria digno de premiação por parte do monarca. Os serviços que antes era tido como um ato heroico, a exemplo da declaração de Guerra Justa ao gentio, que durante o século XVII era visto pelo monarca como essencial, no século XVIII, não tem mais a importância de antes, pois o próprio processo colonizador vai empurrando e incorporando o índio para lugares específicos naquela sociedade em formação.

assim, um grupo diferenciado, que para adquirir esse status não necessariamente estava relacionada ao sangue de famílias nobres, mas uma elite que se tornou hegemônica pelos distintos serviços prestados ao soberano. No caso de João Rodrigues Adorno, esse colono ganhou a patente de Capitão, devendo prestar serviços militares na região que atuava. Uma carta destinada aos oficiais da Câmara da Vila do Camamu era prova desse fato, apontando que João Rodrigues Adorno deveria declarar

guerra ao dito gentio bárbaro, até o extinguiem todo que segundo as reais ordens que pròximamente me chegaram assim determinam por expressa resolução do mesmo Senhor e como para os mantimentos que hão de ser dêste número de gente se obrigasse a bárbaro, até o extinguiem todo que segundo as reais ordens que pròximamente me chegaram assim determinam por expressa resolução do mesmo Senhor e como para os mantimentos que hão de ser sustentação dêste número de gente se obrigasse a dita vila do Cairu em primeiro lugar, e Vossas Mercês pelo que toca a essa vila devam concorrer com os mesmos socorros pelo prejuízo que pelo decurso do tempo poderão experimentar com a invasão do dito gentio bárbaro espero que sem repugnância alguma Vossas Mercês ajudem os ditos moradores da vila do Cairu com o número de sírios de farinha que ajustarem com a câmara da mesma vila, como também as carnes ou peixes secos com que lhe possam acudir justamente, de que feito o dito ajuste mo farão Vossas Mercês presente com toda a brevidade para que eu assim o fique entendendo, e se dar prontamente expedição a dita guerra que há de ter princípio por todo o mês de agosto que vem e Vossas Mercês são tão bens vassallos de Sua Majestade e tão interessados na dita expedição e guerra, que fio de seu grande zêlo concorram com tôda aquela vontade que em Vossas Mercês considero indubitável⁴⁷.

O modelo arquitetado pelos reis para dominar os seus territórios de além-mar estabelecia os serviços prestados ao monarca como uma condicionante para que os colonos conseguissem a posse das mercês, fato que os garantiam como camada portadora de *status* de elite. Esse modelo adotado pela Coroa fez com que os colonos almejassem as mercês, prestando serviços diversificados ao soberano. Somente assim, alimentando os interesses por títulos e cargos, que os reis conseguiram dar conta de administrar as diferentes dinâmicas políticas, econômicas e sociais das suas colônias.

Apesar de aturar em diversas esferas da colônia, os Adornos não eram de fato nobres, não foram premiados com nenhuma insígnia de Cavaleiro de nenhuma ordem, fato que os tornaria legitimamente nobres. Eles viviam um status de nobreza e souberam aproveitá-lo. Do ponto de vista material, os serviços prestados a coroa renderam a Gaspar Rodrigues um engenho no Rio Paraguaçu, “acrescido de 3 mil braças de terra pela carta de sesmaria, de 12 de maio de 1574, com a obrigação de por dentro o gado, em seis meses, Antônio Dias Adorno se deu-lhe (sesmaria de 23 de janeiro de 1574) outras 1. 200 braças naqueles sítios”⁴⁸. Ser senhor de engenho lhes legava um prestígio

47 Documentos Históricos da Biblioteca Nacional. *Carta destinada aos oficiais da Câmara da Vila do Camamu*, p. 137,v.73.

48 Frei Antônio de S. Maria Jaboatão, *Catalogo genealógico das Principais Famílias que procederam de Albuquerque em Pernambuco e Caramurús na Bahia*. Reimpressão do Instituto Genealógico da Bahia. Imprensa Oficial do Brasil, 1950, p. 263.

ímpar, status que seria ainda mais elevado com os títulos adquiridos durante os anos de contribuição. Conforme Flexor, Gaspar Rodrigues Adorno ainda recebeu uma sesmaria que media quatro léguas de terras que se limitava entre riachos Pitanga e Caquende como recompensa pelos servos prestados ao monarca⁴⁹.

Em 1673 João Rodrigues Adorno também possuía engenho e sesmarias. Conforme Flexor, João Rodrigues Adorno doou terras para erguerem uma

A capela de Nossa Senhora do Rosário. Doou essa capela, em 1674, para nela se erigir a paróquia de Cachoeira, que se tornaria a matriz da freguesia até que se construísse a atual, dedicada à Nossa Senhora da Ajuda. Em 1683 levantou seu sobrado acastelado, sobre novos alicerces, fronteiro ao lado direito dessa capela, num ponto elevado do povoado⁵⁰.

E continuam

Os mesmos Adorno, em escritura datada de 21 de abril de 1721, passaram as terras a frei Antônio Machado, de Nossa Senhora de Belém, para a fundação de um hospital, concluído em 1734⁵¹.

João Rodrigues Adorno era um dos membros da mesa, ocupando o cargo de prior e fez uma concessão de uma herdade para a construção da igreja. Este fato nos aponta que a teia de atuação desse colono era bastante dilatada, intervindo em assuntos variados na localidade que estava inserido, compondo assim como seu pai o seleto grupo dos mais notáveis da Bahia colonial.

49 Maria Helena Ochi Flexor, *O Conjunto do Carmo de Cachoeira*. Brasília: IPHAN; Monumenta, 2007, p.16.

50 Idem, p.15.

51 Idem, p.16